


TRADIÇÃO ORAL E GRIÔS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: um diálogo desafiador

ORAL TRADITION AND GRIÔS IN INFORMATION SCIENCE: a challenging dialog

 Júlia Raquel Farias da Costa¹

 Daniela Eugênia Moura de Albuquerque²

¹ Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista do Projeto Memória no Centro Cultural Benfica e estagiária na Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife no setor de Coleções Especiais e Obras Raras.


E-mail: juliicoosta@gmail.com

² Bibliotecária formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda e Mestra no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI-UFPE). Professora Substituta no Departamento de Ciência da Informação da UFPE.

E-mail: danielaeugenia@outlook.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 06 maio 2024.

Aceito em: 07 fev. 2025.

Publicado em: 11 mar. 2025.

Como citar este artigo:

COSTA, J. R. F. da; ALBUQUERQUE, D. E. M. de. Ciência da Informação, tradição oral e griôs: um diálogo desafiador. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 10, p. 1-19, 2025.

RESUMO

No Brasil, o griô, reconhecido como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral, mostra-se como aliado na disseminação da cultura verbal da nação. Essa pesquisa tem como objetivo principal analisar de que maneira as produções científicas nacionais na Ciência da Informação abordam a relação entre a tradição oral e os griôs. Trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e qualitativa, com análise bibliográfica. Os resultados mostraram que há um número diminuto de pesquisas que relacionem a tradição oral aos griôs na Ciência da Informação. Além disso, apontaram a Narração de Histórias como a principal abordagem da tradição oral nos materiais analisados. Já o Griô foi abordado em ênfase como o Griot africano. A relação de maior destaque entre os elementos foi a Narração de Histórias com o Contador de Histórias. Consideramos que o estudo da tradição oral relacionado aos griôs ainda é um desafio para os cientistas da informação, mas que as pesquisas existentes encaminham a temática para um cenário próspero na Ciência da Informação, bem como na contribuição da valorização desses elementos na ciência e sociedade.

Palavras-chave: conhecimento oral; cultura verbal; produção científica; tradicionalistas.

ABSTRACT

In Brazil, the griô, recognized as the heir to the knowledge and skills of the oral tradition, is an ally in the dissemination of the nation's verbal culture. The main objective of this research is to analyze how national scientific productions in Information Science approach the relationship between oral tradition and the griôs. This is a descriptive, bibliographical and qualitative study, with bibliographical analysis. The results showed that there is little research relating oral tradition to the griôs in Information Science. In addition, they pointed to Storytelling as the main

approach to oral tradition in the materials analyzed. Griô, on the other hand, was emphasized as the African Griot. The most prominent relationship between the elements was Storytelling and the Storyteller. We believe that the study of the oral tradition related to the griots is still a challenge for information scientists, but that existing research is leading the subject towards a prosperous scenario in Information Science, as well as contributing to the valorization of these elements in science and society.

Keywords: oral knowledge; verbal culture; scientific production; traditionalists.

1 OS CAMINHOS DA INFORMAÇÃO

É uma noite fria. Os pais já recolheram os filhos das amarelinhas, pega-pega e esconde-esconde das ruas, e os pequeninos se despojaram sobre a roda formada na sala de casa para ouvir a avó falar sobre o passado, a Terra e as estrelas. É com um sorriso no rosto que eles a testemunham, de palavra a palavra, se aconchegando no calor da sua fala, em seu olhar saudosista e no tempo que se ressignifica em seus peitos. Talvez as batidas de seus corações não passem do mesmo tic tac do relógio em cima da escrivaninha, e é nesse instante que eles visitam reminiscências remotas. Iniciam-se narrativas orais que sobreviverão por mais tempo do que aqueles que as presenciaram. Esses viajantes circulam por nossas vidas, protagonistas de nossa ciência sobre nós mesmos, e deixam um patrimônio comum da humanidade: as tradições orais.

O Projeto de Lei Nacional Griô (Brasil, 2011) conceitua tradição oral como

[...] o universo de vivência dos saberes e fazeres da cultura de um povo, etnia, comunidade ou território que é criado e recriado, transmitido e reconhecido coletivamente através da oralidade, de geração em geração, com linguagem própria de percepção, elaboração e expressão, pedagogia de transmissão e política de reconhecimento.

Com isso, podemos compreendê-la, sobretudo, como um legado informacional de saberes, ideias, valores, costumes, crenças e outros elementos da existência humana em coletivo. Nesse tocante, Nascimento (2023) reconhece a palavra oral como uma fonte transmissora de dados informacionais, memoriais e de conhecimentos ancestrais. Esses três elementos da consciência dos seres humanos constituem tradições orais que se

reproduzem no cotidiano das comunidades. Elas são manifestadas na mitologia, senso comum, arte, festejos, culinária e, essencialmente, na identidade cultural dos povos e na continuidade de sua existência. Seja em um aprendizado materno sobre ervas que combatem o resfriado, nos mitos que compõem um sistema de crenças ou nos provérbios que nos fazem ter entendimento sobre o mundo.

Ainda que a tradição oral faça parte da razão humana e do seu fluxo informacional, Santos (2018) afirma que as iniciativas que a coloquem como uma fonte de informação e de conhecimento são, em geral, desqualificantes. Estudos que desbravam os saberes populares das comunidades costumam folclorizar tais sabedorias, e a importância do seu repertório cultural é diminuída. Contrário a tal conduta, Santos (2018, p. 166, grifo nosso) afirma que

As memórias e saberes locais de uma comunidade são fonte de informação e conhecimento e não há razão para que esses saberes não sejam tratados com a mesma importância face aos repertórios consagrados que constituem a cultura oficial. Nas culturas de tradição oral, a memória não é matéria suplementar, ao contrário, é uma conquista que se tornou indispensável à formação da infância e da juventude, vital para o desenvolvimento das gerações.

Para que as tradições orais sejam reconhecidas como fontes de informação para a ciência e demais esferas sociais, além de objeto de estudo em potencial para as produções científicas das áreas do conhecimento humano, é de suma importância que campos de pesquisa da informação as tenham como objeto de estudo. A Ciência da Informação (CI) surge como o principal agente nesse processo, sendo ela o campo interdisciplinar que estuda a informação em sua totalidade, desde sua gênese a quando ela se transfigura no estado de conhecimento.

Além de reconhecer as tradições orais como objeto de estudo, é dever da CI, sendo uma ciência social, atuar no fomento à preservação, disseminação e apropriação da herança oral das comunidades. Dessa forma, as pessoas serão reconhecidas como protagonistas na fabricação de conhecimentos anônimos que permeiam por diversas gerações. Nós, aqueles que nomeamos a existência, inventamos as cores e descobrimos o pensamento. Uma vizinha, pioneira nas conversas na varanda, que conheceu cada um que andou pelas calçadas quando elas ainda eram enlameadas, a única que sabe a data exata de quando a rua foi calçada. Um pai, que conta que antes havia manguezais pela

cidade, com mangues que serpenteavam a sua paisagem. E uma mãe, que sabe quais foram os maiores sucessos nas rádios nos anos 70.

O Brasil é um país com uma pluralidade de povos e costumes. A diversidade de tradições que se manifestam em torno do país, no entanto, é subjugada pela padronização de uma cultura ocidental de matriz europeia. As vivências e conhecimentos que divergem de tal padrão hegemônico são associados à ideia de primitivo e de descompasso, em um contexto em que a cultura brasileira se vê cada vez mais mergulhada em tradições de nações colonizadoras. Por isso, além do estudo das tradições orais, é importante que a CI reconheça os tradicionalistas da nação nos referenciais do conhecimento, sabendo-se que estes são fontes de informação da cultura verbal de sua comunidade. Dentre tais pessoas, está o griô.

O termo “griô” se trata de uma reinvenção simbólica de “*griot*”¹, título introduzido pelos colonizadores franceses para designar um grupo de tradicionalistas africanos de maneira generalista. A figura do *griot* é apresentada pelo malinês Hampâte Bâ (2010, p. 193) na forma de mestres tradicionalistas no que se refere a música, a poesia lírica, aos contos que animam as recreações populares e também a história. O autor os caracteriza como uma espécie de trovadores ou menestréis que percorrem o país, ou indivíduos que estão ligados a uma família, geralmente nobre. Em terras brasileiras, o personagem se atrelou a tradição popular do país, sendo entendido pelo Projeto de Lei Nacional Griô (Brasil, 2011) como

todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e/ou seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo.

Sendo os griôs detentores e disseminadores de saberes orais que compõem os bens imateriais da comunidade em que estão inseridos, não há como não os reconhecer, sobretudo, como uma fonte de saberes vivos para o seu corpo social e para acadêmicos que possuem interesse na tradição oral. Tal aspecto informacional intrínseco a esses tradicionalistas coincide com o entendimento de Oliveira e Ferreira (2009, p. 70, grifo

¹ Destacamos aqui a perspectiva de um estrangeiro que apenas buscou representar grupos sociais sem entender a sua complexidade. A figura do *griot* já existia para os africanos como um símbolo de sua tradição com terminologias nativas, empreendidas conforme cada grupo étnico. Entre eles, no bambara há o termo *dieli*, que significa “sangue”, pois para o povo bambara o *dieli* circula como tal em sua sociedade.

nosso) do que são fontes de informação, quando elas declaram que “[...] a criação de novos conhecimentos está diretamente ligada às fontes de informação. As fontes são documentos, **pessoas** ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento”.

Visto que “[...] a investigação e análise do uso da oralidade abre ainda mais possibilidades para a CI entender o fluxo da informação criada por distintos sujeitos” (Nascimento, 2023, p. 17), o **problema** dessa pesquisa é: de que maneira as produções científicas nacionais na Ciência da Informação abordam a relação entre a tradição oral e os griôs?

Assim, o nosso **objetivo principal** consiste em analisar de que maneira as produções científicas nacionais na Ciência da Informação abordam a relação entre a tradição oral e os griôs.

Nas seções sucessivas apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa com um marco teórico. Em sequência, falamos sobre os procedimentos metodológicos aplicados e os dados obtidos com eles. Por fim, trazemos nossas considerações finais sobre o estudo.

2 A RESSIGNIFICAÇÃO DO GRIOT

A tradição oral africana surge em terras brasileiras no contexto diaspórico. Nascida com os danos da dominação cultural dos colonizadores europeus, foi um objeto em renascimento constante perante as novas realidades coloniais. Com a imposição da objetificação do eu, os povos africanos tiveram a sua existência reduzida a uma palavra: escravo.

“[...] Quando um dominador, um colonizador chega a um país, a primeira coisa que faz é impor aos nativos a sua língua” (Romão; Gadotti, 2012, p. 79). Sobretudo aos escravizados africanos, a invalidação de sua linguagem era a perda da identificação do seu ser. A palavra, raiz de suas tradições, era afogada no Atlântico com muitos de seus irmãos. Os seus sequestradores desejavam extirpar qualquer traço que os identificasse. Sem rosto, sombra, voz e alma, o africano se desprenderia do sujeito e renasceria como objeto.

É nesse contexto que o *griot* africano germina no Brasil como griô, em uma simbiose de resiliência e resistência cultural. Conseqüentemente, ele se difere da sua

noção originária da África, pois tem desde sua gênese a opressão colonial. Apesar disso, os griôs puderam perpetuar, por meio da palavra, a sua (re)existência.

Os detentores da oralidade diaspóricas cumpriram um papel fundamental para a continuidade das tradições africanas, subjugadas por colonizadores mascarados por seu etnocentrismo. Além disso, eles foram fundamentais na gênese e perpetuação da cultura afro-brasileira, e na sua constante reinvenção. Barros, Pequeno e Pederiva (2019, p. 7) afirmam que

[...] A própria prática da tradição oral tornou-se resistência aos processos de colonização. O conjunto de características mencionadas, a sua possibilidade de prática combativa à opressão, e a sua atuação na constituição humana das pessoas são referências fundamentais que cruzaram o Atlântico para embasar a tradição oral de matriz africana no Brasil.

A tradição oral pode ser considerada, portanto, a semente da cultura tradicional afro-brasileira, plantada na diáspora, regada pelos filhos oriundos da mãe África e podada pela soberania europeia. Hoje, o Brasil é banhado pela diversidade de corpos e mentes que lutam por suas vivências em um país que semeia intolerância às culturas tradicionais adversas ao padrão eurocêntrico.

Ao longo de sua trajetória no Brasil, o griô foi atrelado aos contadores de histórias. Segundo Felipe (2009), o próprio termo do qual foi derivado, o *griots*, foi confundido em algumas traduções ocidentais com a personificação daqueles que contam histórias. Para a autora, no entanto, esses indivíduos utilizam de diversas práticas da tradição oral – como as poesias e os provérbios – para repassar os seus saberes da oralidade. Com isso, é recorrente que os estudos nacionais sobre os griôs deem ênfase neles como contadores de história africanos – posteriormente afro-brasileiros.

Um exemplo disso é o estudo de Pinheiro (2013) sobre os contadores de histórias africanos no Brasil, o qual nos contou como se deu o surgimento de obras que suscitarão as contribuições africanas e afro-brasileiras para a identidade nacional. Segundo o autor (Pinheiro, 2013), entre todas as fontes nacionais as que teve acesso, a primeira que, cronologicamente, fez menção ao *griot* contador de histórias foi a obra “Folclore Negro do Brasil”, de Arthur Ramos (2007). No livro, o autor discute como a contação de histórias e diversos contos de matriz africana estão presentes na cultura popular brasileira.

Pinheiro (2013) segue sua pesquisa dissertando sobre o lapso das narrativas africanas na história da tradição oral afro-brasileira, o qual foi um impasse na continuidade da herança cultural africana no país. Ele conta que o desaparecimento dos últimos africanos no Brasil é uma possibilidade que explica a ausência de seus contadores da história dos indícios da cultura verbal na nação. Essa hipótese coincide com o prognóstico de Hampâte Bâ (2010) sobre a possível extinção dos últimos herdeiros da tradição oral da África e os seus males para a posteridade.

Contudo, Pinheiro (2013) ressalta uma segunda possibilidade. A de que as fontes utilizadas em sua pesquisa eram insuficientes para reconstituir a história dos contadores de história africanos/griôs no Brasil. Essa é uma alternativa viável, e que indicia a carência de documentos que evidenciem essa figura no cenário identitário brasileiro.

Com o passar das décadas, a retomada do reconhecimento do griô brasileiro ocorre no quadro das políticas públicas, no entardecer da década de 90. Para Salom (2016), mais do que uma reintegração, a existência dos griôs ocorreu com a política pública Ação Griô, visto que antes dela o termo não era expressivo no cenário cultural brasileiro. No entanto, muito antes de serem reconhecidos pelo poder público, tais tradicionalistas existiram na vida cultural afro-brasileira, com práticas comparáveis às dos *griots* africanos.

Salom (2016) afirma que o tardamento de um termo de identificação dos tradicionalistas brasileiros, que muito se assemelhavam aos africanos, gerou uma série de efeitos imprevistos. Um deles foi a emergência da categoria Griô como elemento identitário, de contestação de estigmas e fortalecimento da autoestima de sujeitos coletivos.

O ressurgimento dos herdeiros da tradição oral na cena da cultura brasileira foi feito sob novas fisionomias, em um processo de reinvenção da tradição africana no Brasil. A figura do griô não se tratou de uma continuidade da tradição vinda da África, e sua identidade se vinculou com os elementos da cultura popular do país. Qualquer cidadão com tal vínculo poderia se entender como um griô (Pinheiro, 2013).

Em tais circunstâncias, a identidade Griô acabou compreendendo um conceito guarda-chuva. Tradicionalistas com diferentes práticas, vivências e percepções foram vinculados a uma só palavra, unidos somente por seu elo com a tradição oral. Salom (2016) conta esse como um efeito da apresentação do griô como uma novidade, pois

alguns grupos e sujeitos não se sentiram contemplados nessa denominação, como os pajés indígenas ou contadores de histórias de outras identificações raciais e étnicas.

Apesar da nova conjuntura, o griô conservou a natureza de salvaguardar e disseminar as tradições de seu povo, de forma a fomentar a ressignificação da ancestralidade brasileira. O cultivo das tradições da nação, em especial as de raízes africanas, aparece como uma provocação para o poder nacional, que possui um histórico de desvalorização das culturas populares.

Dessa forma, Pinheiro (2013) afirma que, mais do que uma identidade, o novo griô é um projeto de reconhecimento e valorização de saberes e fazer expressos na oralidade popular. O personagem do *griot* africano surge para estabelecer um vínculo com a cultura negra e os valores expressos em suas tradições, e ele passa a conversar com outros personagens da tradição brasileira. A figura do velho sábio, tanto na África, quanto no Brasil, guarda na memória a história do seu povo que, por meio da palavra oral, é contada, cantada, recitada e festejada.

3 A TINTA MAIS FRACA É PREFERÍVEL À MAIS FORTE PALAVRA

Não se sabe com precisão em que data a linguagem auditiva se transformou em linguagem visual, e muito menos quando esta formou o primeiro sistema de escrita. O que se sabe é que os seres humanos há muito tempo buscaram ser representados. Como já disse Schopenhauer (1958, p. 3, tradução nossa), “o mundo é minha representação: isso é uma verdade para todo o ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e reflexivo”.

A escrita é um entre os diversos sistemas da representação humana pertencentes a linguagem visual, categoria dos desenhos, mímicas e códigos e, assim como esses, teve um papel notável na construção da sociedade moderna. Segundo Fischer (2004, p. 8, tradução nossa) ela

[...] tornou-se a ferramenta suprema do conhecimento humano (ciência), suporte cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrático e informação popular (a imprensa) e uma forma de arte em si mesma (caligrafia), para citar apenas algumas manifestações.

Contudo, ao mesmo tempo em que a escrita concretiza as nossas ideias e se torna parte integral no fluxo informacional humano, é incontestável o poder que foi dado

àquele que a domina. A alfabetização no Brasil oitocentista é um exemplo disso, em que as expressões “analfabeto” e “analfabetismo” foram estreitamente associadas aos negros, em uma forma de desvirtuar a sua racionalidade.

Em estudos de Galvão (2022) sobre o tema, a autora constatou uma grande contribuição da imprensa para a estigmatização do negro como sujeito contrário ao progresso e civilização da nação. No artigo publicado pela pesquisadora foram analisados materiais do século XIX, localizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, os quais tinham a ocorrência do termo “analfabeto”. Dos 621 documentos com a terminologia, foram estudadas seis publicações em jornais do Rio de Janeiro e Pernambuco da década de 1850.

Dada a análise dos documentos, Galvão (2022, p. 20-21) constatou que

[...] é possível visualizar as estratégias discursivas mobilizadas pelos autores de publicações veiculadas na imprensa para produzir efeitos nos possíveis leitores de que o sujeito analfabeto, pobre e negro é alguém que deveria ser excluído da marcha do progresso e da civilização.

Essa busca por desqualificar os saberes afro-brasileiros, fundamentados essencialmente pela oralidade, foi uma maneira de ratificar a racionalidade do homem branco como o modo legítimo de vivência. Ancorando-se na subjugação de outras formas de conhecimento e os sujeitos a elas associados, a sociedade brasileira foi domesticada sob uma ótica eurocêntrica.

No ponto de vista de Galvão (2022), as associações entre pessoas negras e as expressões “analfabeto” e “analfabetismo” possivelmente ocorreram porque o sentido das palavras estava em disputa no Brasil do século XIX. Com as discussões sobre a abolição da escravatura com ascensão em 1870, o analfabetismo era uma forma de contestar a capacidade intelectual da população negra, afastando-a de sua liberdade. Entretanto, estudos mostram o quão errôneo foi esse pensamento, uma vez que há indícios de que muitos negros da época podiam ler e escrever, utilizando a escrita sobretudo, como um instrumento de sobrevivência.

“Talvez um dos usos táticos mais interessantes que negros faziam da palavra escrita e que revela o conhecimento que possuíam sobre o poder que ela tinha no mundo em que viviam fosse o de portar a carta de alforria junto ao corpo” (Galvão, 2022, p. 6). O conhecimento do universo letrado, nesse sentido, viabilizava aos escravizados o vislumbre de sua independência. Papel e tinta eram responsáveis pela materialização da

liberdade, tornando-se a identificação que deveria acompanhar a carne negra diariamente. Diferentemente dos moldes africanos, em terras brasileiras o poder da palavra é o poder da escrita.

A simbologia que a habilidade da escrita adquiriu ultrapassou o atestado de homem liberto. No processo de afirmação de sua identidade social, negros cativos e livres atribuíram nas escrituras um sentido quase místico. Dado momento, a carta de alforria se equiparou ao misticismo dos escapulários e amuletos que os afro-brasileiros levavam consigo, no interior dos quais guardavam orações dedicadas a santos católicos e trechos dos livros sagrados dos muçulmanos (Wissenbach, 2002).

Algumas coisas mudam, mas seus modelos são eternos. Na sociedade brasileira moderna, argumentos que se respaldam no progresso humano para a sustentação de antigas hegemonias adquiriram novas conjunturas, porém, mantêm-se sob fisionomias semelhantes. No Brasil oitocentista, a tradição escrita foi argumentação para a razão iluminada do homem branco. Antagônico a isso, os saberes afro-brasileiros foram desqualificados e os seus portadores bestializados. Em 2024, um dos principais obstáculos para a igualdade racial no Brasil é a escolaridade, circunstância que se assemelha ao período de 1800. Uma vez que os saberes tradicionais prosseguem com o estigma de ausência de conhecimento, racionalidade e ciência, os tradicionalistas são compreendidos como seres rudimentares pela sociedade.

No Brasil contemporâneo, o racismo estrutural segue privilegiando o intelecto branco estrangeiro, e os saberes afro-brasileiros são descredibilizados tanto quanto no período oitocentista. Tal fato se faz presente em nosso cotidiano, onde jornais que antes aludiam o analfabetismo ao negro hoje disseminam notícias expondo a intolerância no país. No alto das manchetes, vemos cada vez mais as consequências de um discurso que excluía a população negra da marcha da civilização.

É nesse cenário que o reconhecimento da tradição oral como formadora da sociedade brasileira se mostra como um aliado para o fortalecimento do vínculo da atual e futura geração de afro-brasileiros com a sua palavra ancestral. Também é de interesse reconhecer os tradicionalistas da nação, como os griôs, em suas bases culturais, promovendo a sua valorização e, conseqüentemente, a da cultura tradicional do Brasil. Vozes há muito silenciadas poderão ecoar pelas veredas da nossa nação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos seus fins, essa pesquisa abrange um caráter **descritivo**, visto que teve foco na descrição dos elementos analisados (Richardson, 2012). No que diz respeito ao seu meio, ela se caracteriza como uma pesquisa **bibliográfica**. Além disso, o método utilizado foi o **qualitativo**, pelo qual foi possível uma maior compreensão e explanação acerca dos nossos objetos de estudo.

A pesquisa, além de um levantamento bibliográfico feito para contextualizar o leitor sobre os temas abordados e para prover as pesquisadoras de maior conhecimento sobre os seus objetos de estudo, contou com uma busca na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), ocorrida em conformidade com o nosso objetivo geral. Para isso, foram feitas dezoito buscas na base, com diferentes termos, no dia 7 de Setembro de 2024.

A pesquisa foi realizada sem delimitações temporais, filtros e buscas avançadas, tencionando alcançar o maior número de materiais possível. O critério da pesquisa foi verificar as produções científicas da CI a nível nacional que abordassem a relação entre a tradição oral e os griôs. Nos materiais analisados, buscou-se identificar se os autores abordavam, juntamente da tradição oral, as categorias de Griô e Mestre, aludidas pelo Projeto de Lei Nacional Griô (Brasil, 2011) no Art. 2º a diversas figuras da cultura popular brasileira, de maneira direta ou indireta, ainda que não estivesse sob essa terminologia. A pesquisa, para tanto, foi concebida sob diferentes expressões de busca e operadores booleanos, visando abranger as diferentes nomenclaturas que os autores pudessem utilizar para se referir a tradição oral e ao griô.

Abaixo, na Tabela 1, exibimos os resultados da busca na Brapci, com a expressão utilizada e o quantitativo de recuperados e relevantes.

Tabela 1 - Busca na Brapci

EXPRESSÃO DE BUSCA	RECUPERADOS	RELEVANTES
Tradição oral	30	8
Conhecimento oral	20	3
Saber oral	20	1
Griô	1	1
"Griô" AND "Tradição oral"	1	1
TOTAL	72	14

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Afora as expressões de busca exibidas na Tabela 1, também foram feitas pesquisas com itens que foram: a) recuperados, porém irrelevantes; b) não recuperados. Os que foram recuperados, porém considerados irrelevantes para esse estudo, detiveram a expressão de busca “Cultura verbal” e “Griot”. Os termos que não recuperaram registros foram: "Griô" AND "Cultura verbal"; "Griô" AND "Conhecimento oral"; "Griô" AND "Saber oral"; "Griot" AND "Tradição oral"; Griot" AND "Cultura verbal"; "Griot" AND "Conhecimento oral"; "Griot" AND "Saber oral"; "Mestre" AND "Tradição oral"; "Mestre" AND "Cultura verbal"; "Mestre" AND "Conhecimento oral"; "Mestre" AND "Saber oral".

Destacamos que determinados documentos se repetiram na página de uma mesma pesquisa e outros foram recuperados em mais de uma expressão de busca. Em nosso quantitativo total para as análises, esses itens foram contabilizados uma só vez, estabelecendo, assim, um cenário com **dez** artigos científicos analisados.

Enfatizamos que as produções científicas recuperadas, mas consideradas irrelevantes para esse estudo, foram colocadas nessa categoria pois não abordavam a tradição oral e os griôs, muito menos uma relação entre ambos, seja como objeto de estudo ou como instrumento de análise das pesquisas. Determinados itens também não se enquadravam como uma produção científica, sendo, a título de exemplo, arquivos de atas de qualificação de Mestrado, primeiras páginas de artigos e textos de entrevistas.

Abaixo, no Quadro 1, mostramos os documentos que foram relevantes na pesquisa na Brapci. Optou-se por atribuir nas respectivas autorias, título e ano uma identificação (ID)², tencionando padronizar a manipulação dos dados para nossas análises.

Quadro 1 - Documentos relevantes na pesquisa na Brapci

AUTORIA	TÍTULO	ANO	ID
COSTA, Júlia Raquel Farias da; ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de	O papel informativo do Griô nos equipamentos informacionais da Região Nordeste do Brasil	2024	A1
RASTELI, Alessandro	Mediações leitoras e serviços de extensão em bibliotecas como estratégias de desenvolvimento cultural com o público infantil	2021	A2
SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz	Memória e informação: a esfera de saberes dos mestres da tradição oral	2019	A3
SOUSA, Ana Lívia Mendes de; BUFREM, Leilah Santiago	Contar e ouvir no Cariri cearense: memória, oralidade e os contadores de história	2018	A4

² A identificação foi criada com base na ordem cronológica das publicações, em que cada texto recebeu a sinalização A (artigo), acompanhada de um algarismo arábico. Ex.: A1, A2, A3...

ALMEIDA, Vitória Gomes; LIMA, Izabel França de	Vozes da tradição: informação, oralidade e memória em Juazeiro do Norte	2017	A5
FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da	Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do Sul do Brasil	2017	A6
SOUSA, Laiana Ferreira de; LIMA, Izabel França de; CAVALCANTE, Lídia Eugênia	Vestindo o personagem: o contador de histórias do século XXI	2017	A7
SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz	Dispositivo antropotécnico como lugar de memória e partilha de saberes em comunidades de tradição oral	2016	A8
SÁ, Paloma Israely Barbosa de; BUFREM, Leilah Santiago	O registro da cantoria de viola enquanto informação memorialística e sua contradição	2016	A9
CARDOSO, Francilene do Carmo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves	A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra	2011	A10

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

A análise bibliográfica dos artigos recuperados na Brapci objetivou descrever os temas abordados neles no que tange a relação entre a Tradição Oral e o Griô, para relacionar ideais, conceitos e explanações dos autores. Com isso, pudemos verificar aproximações e distanciamentos entre as abordagens.

5 A TRADIÇÃO ORAL E O GRIÔ: ABORDAGENS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para analisarmos a relação da Tradição Oral com os Griôs nas produções científicas apreendidas na Brapci, foi necessário, *a priori*, identificarmos como tais elementos foram abordados pelos autores em suas obras. O Quadro 2 resume as principais abordagens da Tradição Oral em cada artigo, as quais foram apreendidas nos conceitos trazidos pelos pesquisadores e na maneira de como ela foi situada em seus textos.

Quadro 2 – Abordagens da Tradição Oral nas produções científicas

ID	ABORDAGENS DA TRADIÇÃO ORAL
A1	Saberes e fazeres
A2	Através das mediações de histórias pode constituir-se em estratégias de desenvolvimento cultural
A3	Saberes
A4	Narração de histórias que passa através das gerações
A5	Manifestações religiosas, culturais e artísticas expressas em diversas linguagens e formas de expressão da cultura popular como cantorias, reisados, lapinhas, xilogravuras, cordel, artesanatos, romarias, renovações
A6	Atrelada a narração oral
A7	Práticas narrativas
A8	Fontes de informação e do conhecimento
A9	Descreve conhecimentos e experiências

A10	Meio de transmissão da informação e do conhecimento
-----	---

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Destacamos que dos dez artigos, quatro abordaram a Tradição Oral como narração de histórias, independente dos termos utilizados pelos autores para tal – “narração oral”, com Fleck e Cunha (2017), “mediações de histórias”, com Rasteli (2021), “práticas narrativas”, com Sousa, Lima e Cavalcante (2017) e a própria “narração de histórias”, com Sousa e Bufrem (2018). Esse foi o contexto de maior recorrência entre as produções científicas analisadas.

Já Costa e Albuquerque (2024), e Santos e Mucheroni (2019), contextualizam em suas obras a Tradição Oral na forma de saberes, termo frequentemente utilizado para se referir ao conhecimento tradicional. Almeida e Lima (2017) abrangem esse olhar do saber para as diversas manifestações da cultura popular. Dentre os diferentes contextos da Tradição Oral analisados aqui, estes são os de maior proximidade com o conceito de cultura verbal presente no Projeto de Lei Nacional Griô (Brasil, 2011), citado em nossa primeira seção.

Outra abordagem dos autores sobre Tradição Oral relacionou esta com a informação e o conhecimento, tanto como um meio de transmiti-los – Cardoso e Nóbrega (2011) -, quanto como fonte desses elementos – Santos e Mucheroni (2016) -, ou mesmo como um descritor deles – Sá e Bufrem (2016). Consideramos essa, dentre as demais perspectivas, de importante contribuição para o posicionamento da Tradição Oral nos estudos da CI, por atrela-la com os seus principais objetos de interesse.

Quanto as abordagens do Griô nas produções científicas, resumidas no Quadro 3, salientamos que nem todos os autores o fizeram sob essa nomenclatura. Contudo, as figuras estudadas por eles são situadas como tal no Projeto de Lei Nacional Griô (Brasil, 2011).

Quadro 3 – Abordagens do Griô nas produções científicas

ID	ABORDAGENS DO GRIÔ
A1	Ressignificação dos <i>griots</i> , mestres tradicionalistas da tradição Africana
A2	Contadores de histórias
A3	Mestre Griô com imagem atrelada ao <i>griot</i> africano
A4	Mestre da tradição oral reconhecidos em suas comunidades como detentores de saberes
A5	Mestres da cultura Brincantes
A6	Contadores de histórias
A7	Contadores de histórias
A8	Personagens que remetem à tradição oral da África negra

A9	Poetas
	Repentistas
	Cantantes
A10	Utiliza o termo <i>griots</i> para designar os mestres da tradição oral

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Percebemos, então, uma diversidade de representações do Griô nos artigos. A de maior presença, no entanto, mostra-se ser a do “*Griot*” africano, o qual aparece quatro vezes. Esse quarteto nos levou a considerar que, ainda que os autores das produções científicas sejam brasileiros, o personagem da tradição africana tem força em suas concepções sobre o Griô. Sabemos, no entanto, que no Brasil ele passou por um processo de reinvenção, desassociando-se de suas raízes. Ressurgindo, pois, em um cenário político, atrelado a cultura popular do país (Salom, 2016). Salientamos a percepção de Costa e Albuquerque (2024), que mesmo abordando o “*Griot*”, evidenciaram a sua ressignificação em terras brasileiras.

Sob o viés de recorrência, damos sequência com o Griô como “Contador de histórias”. As demais figuras, “Mestres da cultura” e “Brincantes”; “Poetas”, “Repentistas” e “Cantantes”; e o “Mestre da tradição oral”, mesmo com uma só presença, demonstraram que, apesar da força da imagem do *griot* africano, já há interesse dos autores pelas figuras da cultura tradicional brasileira.

Pudemos, com essas categorizações, identificar que o estudo da Tradição Oral como “Narração de histórias”, relacionado com o do Griô como “Contadores de histórias” foi o mais expressivo entre as produções científicas analisadas. Esse dado se correlaciona com a perspectiva de Felipe (2009) de que o *griot* é deveras atrelado a categoria de contador de história, o que, conseqüentemente, reverberou na noção do griô brasileiro.

A pesquisa de Costa e Albuquerque (2024) nos oferece outro ponto de vista para essa discussão. Nela, as autoras coletaram dados sobre a presença de griôs em doze equipamentos informacionais da Região Nordeste brasileira, assim como a maneira que esses indivíduos atuavam nesses espaços. Suas análises apontaram os griôs como mediadores informacionais nos lugares de informação e, entre as principais mediações exercidas, estava a contação de histórias – juntamente de apresentações de dança, apresentações musicais e oficinas. O estudo, embora não abranja um cosmo expressivo, leva-nos a refletir que, a contação de histórias, como uma manifestação da tradição oral

central para os griôs, não poderia deixar de marcar relevante presença nas produções científicas aqui analisadas.

6 CONCLUSÃO

Os resultados aqui apresentados e interpretados possibilitaram margem para considerações sobre a maneira como as produções científicas nacionais na CI abordam a relação entre a Tradição Oral e o Griô. De antemão, reconhecemos que essa é uma temática pouco explorada nacionalmente, demonstrando ser um desafio aos cientistas informacionais que ingressam em seu estudo. Contudo, os artigos aqui analisados demonstraram ter bases sólidas em suas discussões sobre o assunto, propícias a encaminhar a relação da tradição oral com o griô a um cenário próspero na ciência informacional.

No que tange o posicionamento da Tradição Oral nas produções científicas, identificamos uma variedade de abordagens. A de maior frequência foi a “Narração de Histórias”, discutida sob diversas nomenclaturas. Nos estudos da CI, ela é apresentada, geralmente, com o termo “Contação de Histórias”. Sua forte presença em nossas análises, supomos, relaciona-se com o fato de ser uma temática com terreno construído nas pesquisas dos cientistas informacionais brasileiros³. Outra abordagem que nos chamou atenção, ainda que não a mais expressiva, trata-se da associação da Tradição Oral com objetos cotidianos dos cientistas informacionais, a informação e o conhecimento. Ela impulsiona que os pesquisadores da CI incluam a cultura verbal no cenário do estudo da informação e do conhecimento.

Quanto a figura do Griô, o seu maior representante em nossas análises foi o “*Griot*” africano. Consideramos, com isso, que a imagem do tradicionalista da cultura africana é conservada na percepção da maior parte dos autores das produções científicas, a qual foi perpetuada em seus artigos. Em sequência, a figura do “Contador de Histórias” marcou presença em nossa investigação. Esta possui um elo longo com o personagem *griot* da África, especialmente no cenário nacional.

Procedendo disso, a relação entre Tradição Oral e Griô de maior ênfase em nossa análise se deu com os Contadores de Histórias e a Narração de Histórias. Esse dado se acentua ainda mais quando o relacionamos ao contexto do griô em território brasileiro,

³ Em uma busca na Brapci sobre “Narração de histórias”, nos foram retornados sete registros. Pesquisando por “Contação de histórias”, recuperamos cinquenta e quatro.

reconhecido massivamente como contadores de história africanos nas décadas passadas – imaginário que não se desvinculou completamente da atualidade.

Para trabalhos futuros, pretende-se explorar as bases de dados internacionais sobre a relação da Tradição Oral e do Griô nas produções científicas da CI, a fim de estabelecer elos comparativos nacionais e internacionais. Sugerimos aos demais pesquisadores da área, também, investigações que busquem aprofundar o entendimento sobre a relação dos contadores de histórias com a narração de histórias em nossa ciência, visto que foram os maiores representantes da Tradição Oral e do Griô em nossos resultados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitória Gomes; LIMA, Izabel França de. Vozes da tradição: informação, oralidade e memória em Juazeiro do Norte. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2017.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Educação pela tradição oral de matriz Africana no Brasil: Ancestralidade, resistência e constituição humana. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [s. l.], v. 26, p. 91, 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3518>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 1786, de 6 de Julho de 2011**. Institui a Política Nacional Griô, para proteção e fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral. Brasília, DF, 6 jul. 2011. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/files/2013/05/PL-Lei-Grio-Nacional-1786-2011.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CARDOSO, Francilene do Carmo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves. A biblioteca pública na (re)construção da identidade

negra. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: [s. n.], 2011.

COSTA, Júlia Raquel Farias da; ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de. O papel informativo do griô nos equipamentos informacionais da Região Nordeste do Brasil. **P2P**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. 2, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6971>. Acesso em: 9 set. 2024.

FELIPPE, Ana Maria. Feminismo negro: mulheres negras e poder - um enfoque contra-hegemônico sobre gênero. **Acervo**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 15-28, 2009. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/5>. Acesso em: 9 set. 2024.

FISCHER, Steven Roger. **A History of Writing**. [S. l.]: Reaktion Books, 2004.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do Sul do Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2017.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Analfabetismo, práticas de cura e população negra: uma análise da produção discursiva da imprensa brasileira na década de 1850. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18 n. 49, p. 2-24, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/10768>. Acesso em: 18 out. 2024.

HAMPÂTE BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

NASCIMENTO, Amanda Carla Ganimo do. **A nossa história contada em primeira pessoa: a oralidade como fonte de informação para continuidade da memória e produção de conhecimento dentro de quilombos urbanos**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50773>. Acesso em: 28 nov. 2023.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de Oliveira; FERREIRA, Karen Eloise. Fontes de informação on line em Arquivologia: uma avaliação métrica. **BIBLOS**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 69-76, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1302>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PINHEIRO, Cristiano Guedes. **Narrativas de educação e resistência: a prática popular griô de Dona Sirley**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>

public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=102752. Acesso em: 17 ago. 2024.

RAMOS, Arthur. **O Folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

RASTELI, Alessandro. Mediações leitoras e serviços de extensão em bibliotecas como estratégias de desenvolvimento cultural com o público infantil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-20, 2021. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1597>. Acesso em: 9 set. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SALOM, Julio Souto. O renascimento do griô afro-brasileiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS CULTURAIS, 7., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016, p. 1123-1134.

SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos. Dispositivo antropotécnico como lugar de memória e partilha de saberes em comunidades de tradição oral. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]** Salvador: [s. n.], 2016.

SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos. Memória e informação: a esfera de saberes dos mestres da tradição oral. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA

EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2019.

SANTOS, Edison Luis dos. **Veredas da informação em culturas de tradição oral**: a esfera encantada das bibliotecas vivas. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02102018-163618/pt-br.php>. Acesso em: 8 mai. 2023.

SÁ, Paloma Israely Barbosa de; BUFREM, Leilah Santiago. O registro da cantoria de viola enquanto informação memorialística e sua contradição. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: [s. n.], 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. **The World As Will And Representation**. New York: Dover Publications, 1958.

SOUSA, Ana Livia Mendes de; BUFREM, Leilah Santiago. Contar e ouvir no Cariri cearense: memória, oralidade e os contadores de história. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: [s. n.], 2018.

SOUSA, Laiana Ferreira de; LIMA, Izabel França de; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Vestindo o personagem: o contador de histórias do século XXI. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: UNESP, 2017.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 103-122, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38724>. Acesso em: 20 out. 2024.